

MAC RS - Sede na Casa de Cultura Mario Quintana (CCMQ)  
Rua dos Andradas, 736  
Centro Histórico - Porto Alegre/RS

Visitação: de terça-feira a domingo, das 10h às 19h

MAC RS - Sede no 4º Distrito  
Comendador Azevedo, 256  
Bairro Floresta - Porto Alegre/RS

Visitação: de terça a sexta-feira, das 12h às 18h  
Sábados, domingos e feriados, das 10h às 18h

#### Contato

Administrativo:  
+55 (51) 98594-8549  
mac@sedac.rs.gov.br

Instagram: @macrs.official

Aponte a câmera do seu celular  
para o QR Code e agende sua visita mediada



Patrocínio master

Patrocínio bronze

Apoio



VULCABRAS



TRINCA



ALIBEM  
Sem junção de voz

Realização



MINISTÉRIO DA  
CULTURA



O Ministério da Cultura (MinC) e a Secretaria de Estado da Cultura (Sedac) apresentam

# NUNO RAMOS

## TRÊS CASAS

Curadoria ■ André Severo

Visitação até  
11.01.2026



**A matéria antes do nome:** algo oscila entre imersão e aparição — não como forma acabada, mas como vestígio: sopro vacilante de um tempo suspenso, hesitação entre reminiscência e porvir, fantasmas de um passado que ainda pulsa, sombras lembradas que se somam e se reinventam no limiar do visível. Não se trata de duplicação da realidade, tampouco de uma representação, mas da instauração do sensível na forma própria das coisas — ou daquilo que nelas se manifesta e se comunica ao mundo. Não é intervalo nem antecipação: é dobra, tremor, vibração entre o que se mostra e o que se retrai. Se se trata de uma obra, é do tipo que, apesar do vislumbre exuberante, já se anuncia como ruína — é criação que insiste, como se sua aparição em submersão fosse também um presságio de nossa própria transformação: o sensível como presença do mundo em nós; como maneira de o mundo se revelar por nosso intermédio. Aqui, o soçobro iminente é o átimo que resta quando tudo o que parece sólido se entrega ao fluxo da imagem e da matéria. Algo deseja fixar-se, mas permanece à beira — lateja entre a luz e o oculto, entre o gesto e a matéria. De fato, aqui nada busca permanência — tudo aponta para o trânsito: o encontro é errância; a escuta, reverberação; a montagem, contágio. As memórias (e suas deturpações) afundam, as paisagens (ou qualquer vislumbre de algum entorno possível) se dissolvem, os corpos vacilam, os contornos desfazem-se como se a criação fosse menos um gesto de afirmação do que de escuta: escuta do que ainda não se revelou, do que não está mais lá, do que insiste em desaparecer, do que pode, eventualmente, reaparecer. Não há promessa de que alguma forma vá eclodir em sua opulência — há apenas o assombro de sua nascente. A criação não se ancora: ela submerge, se desfaz na origem. A obra é, antes, o meio contínuo e compartilhado onde a vida se dá (ou se deu), onde tudo se toca (ou foi tocado), onde tudo se transforma (mesmo que já tenha sido inúmeras vezes alterado) e se comunica (para o outro, para si mesma); é o espaço da existência comum entre todas as coisas — humanas, animais, vegetais, minerais, atmosféricas — em permanente transmutação. A arte, aqui, não é um espaço separado do mundo, mas um campo em que a sensibilidade do real se intensifica e se oferece ao diálogo em sua máxima potência de transição. O sensível se insinua antes de ser forma, antes de possuir um nome — e talvez por isso mesmo: por nos lembrar de nossa relação com nós mesmos e com o mundo que perdemos (o mundo antes das palavras), nos afete de maneira tão contundente. Sim, tudo aqui será sempre ruína iminente, mas também se manterá invariavelmente como construção nascente; é memória e, ao mesmo tempo, sopro inaugural. E se o tempo que nos é dado aqui não pode ser linha — visto que é corpo poroso onde o passado retorna e o futuro se desfaz —, a obra que ora se manifesta não pode ser outra coisa senão um meio sensível da vida: é sensível porque é forma que emana, que emite, que afeta — mas também é o próprio sensível enquanto obra, enquanto expressão da vida em forma. Não há como fugir do redemoinho: o instante escapa, retorna, torna-se olvido, se enrosca em espirais e há sempre uma distância entre a mão e a matéria, entre a intenção e o abismo — e qualquer criação que resulte desta curva aberta será sempre uma manifestação poderosa do

sensível tornado mundo compartilhável. Efetivamente trata-se de uma obra, mas criar não é formar, é desviar-se: ser vento, ser dobra, ser silêncio onde antes se quis que houvesse um nome; as obras não são mais do que formas de presença e de emissão de vida — não como meras representações, mas como transfigurações mesmas do real. O sensível não nos compreende — ele nos ultrapassa. Quando tudo se entrega ao fluxo irreversível da imagem, nasce o instante; mas esse instante não é conclusão, é prelúdio: é sombra antes da ruína, sopro antes do corpo. Há que se insistir: o que aqui se oferece não é segurança, é vertigem. O gesto não ergue, vacila; a obra não se fixa — se (nos) impele para o fundo; seu contorno é engano, seu tempo, dilatação. Se houve, em algum momento, qualquer promessa de estabilidade, ela parece ter sido apenas uma delicada ilusão. O artístico que aqui se manifesta é resultado de um processo poético existencial continuado que nunca se ancorou na permanência — ele vive no risco. E, no risco, se abre ao outro, ao mundo, ao tempo, ao desaparecimento e, eventualmente, ao esquecimento. A matéria trabalhada encarna essa zona de risco e suspensão: não é forma nem fundo, mas transição. Ao submergir a memória (suas e nossas) o artista convoca uma matéria que tanto afunda quanto fertiliza, tanto arrasta quanto regenera. O sensível, então, se manifesta como imagem do limiar: âmbito onde tudo se perde, onde tudo pode renascer — infância, amadurecimento, morte, decomposição, permanência —; e o que ele nos oferece, é um espaço onde a matéria pensa e o pensamento escorre. Se há algum convite implícito, é para que atravessemos o intervalo entre presença e ausência, entre o que se vê e o que se insinua, entre o que se lembra e o que não podemos reter. Sabemos que houve uma transposição de contexto; e que a obra agora se inscreve num território que foi tragado por uma catástrofe, instaurando aqui um campo de reverberação simbólica: a noção de lar (abrigo arquetípico da permanência) foi posta em xeque e a matéria moldada inicialmente a partir da memória, deixou de ser reminiscência pessoal para se tornar alegoria do desamparo coletivo — a arte como ampliação ontológica e fenomenológica de um campo em que a matéria se torna vibração, o tempo se dobra em presença e a experiência se revela como travessia entre o visível e o que ainda não tem nome. Como obra que parece ter nascido já atravessada por uma inquietação profética, a oferta que nos é feita não é a de consolo ou enfrentamento, mas a de uma experiência concreta de transfiguração. Não se trata apenas de um trabalho que se instala em um espaço inundado — trata-se de uma obra que carrega a inundação como linguagem, como matéria e como presságio: o corpo treme, o tempo vacila, a imagem se desfaz enquanto se projeta. O sensível é também o modo como a vida se organiza, compartilha espaço, se abriga. Tudo aquilo que constitui um lar (luz, calor, matéria, cheiro) é, na verdade, o sensível se tornando forma habitável. E mesmo que o real não feche seu contorno, mesmo que o tempo não sare suas feridas, o sensível nos lembra, através da obra, que algo persiste. No reino da experiência criativa, tudo se desfaz enquanto renasce. Cada imagem é uma memória; cada memória, vestígio de um possível; cada corpo, um eco do que não mais reverbera: **a matéria antes do nome.**